

Vamos explorar a Amazônia

Por Carlos Terra

Nos últimos anos, a ecologia virou moda. Proliferaram no mundo os Stings e os extremistas verdes que enxergam catástrofes em todo canto ou usam a natureza para se promover. Apesar de o julgamento dos assassinos de Chico Mendes — que se transformou, meses atrás, num show aos olhos do mundo — ter contido em parte o ímpeto dos ecologistas, a idéia de que a selva é inviolável continua em alta entre os leigos de toda espécie. Proclama-se que a Amazônia é um santuário ecológico e, tal como um casarão antigo tombado pelo patrimônio histórico, deve permanecer intacta. Em contrapartida, aqueles que se utilizam da selva, mesmo que de uma forma consciente e racional, transformaram-se em vilões, em inimigos da Terra. Não aceito esse rótulo.

Com vinte anos dedicados à ocupação e exploração da Amazônia, posso dizer que me orgulho de tudo o que fiz até hoje. Não renego a derrubada da mata nem as queimadas. Não existe outra forma de vencer a hiléia agressiva e dominante. Só com violência e determinação. Fui para a Amazônia ainda jovem, estimulado pela aventura e pela natureza exuberante, que conheci nos bancos escolares. Vinte anos passados e 20 000 hectares derrubados, a golpes de machado e com motosserra, me conferem conhecimento de causa. São incontáveis as noites que passei nos braços da floresta, tendo o céu como único teto. Em meu currículo de bandeirante moderno não faltam atoleiros memoráveis, vagar perdido na imensidão da floresta, fome, frio e febre. Assim como eu, diversos outros pioneiros podem se orgulhar de ter se empenhado nessa empreitada nos primórdios da ocupação da Amazônia.

Não sou a favor da destruição da floresta, mas da sua exploração racional. Num momento de crise como o que estamos atravessando, não podemos nos dar ao luxo de desprezar tanta riqueza. A Amazônia tem que ser explorada. Ao contrário do que alguns pensam, desmatando uma parte da selva ela não se transforma obrigatoriamente num deserto. Mesmo porque são poucas as áreas que podem ser exploradas com sucesso. Um pingo d'água no oceano. Basta que seja feito um estudo detalhado do solo antes do desmatamento. É necessário que o Brasil conheça o solo amazônico. Segundo o levantamento realizado pelo projeto Radam, que durante vários anos rastreou o solo da Amazônia fazendo um mapeamento dos recursos naturais e analisando os fatores ambientais da região, é possível identificar



“Não renego as queimadas nem a derrubada das matas”

MARCELO TABACH

cada tipo de solo, o que permite um desmatamento programado. Não é preciso derrubar as árvores, plantar e só depois perceber que o solo não é apropriado. O desmatamento pode ser feito de maneira consciente e sem prejuízo para a natureza. Há na Amazônia propriedades localizadas em regiões privilegiadas que se desenvolveram de forma espantosa e, hoje, dão lucro aos seus proprietários.

Exploro atualmente uma fazenda no Vale do Rio Guaporé, em Rondônia. Lá, só tenho tido sucessos. Assim como eu, diversos outros fazendeiros migraram para a região. Todos tradicionais e experientes na atividade, responsáveis pela produção de alimentos tão necessários à população. Sabem onde e por que investem, não foram desmatando sem planejamento para depois abandonar a terra arrasada. Não são destruidores do meio ambiente, mas sim trabalhadores determinados e patriotas exaltados. Vêem o objetivo econômico atrelado à oferta de trabalho e de

alimentos para todo o povo brasileiro.

Em vez de ficar fazendo demagogia, devemos voltar nossa atenção para a derrubada da cobertura vegetal de solos ácidos e arenosos, que constitui, isso sim, um verdadeiro crime contra o meio ambiente. Os incentivos fiscais concedidos no passado, embora tenham desempenhado importante papel motivador no início do processo de ocupação, acabaram por se transformar no principal agente da devastação do solo amazônico. Os grandes projetos agropecuários aprovados pela Sudam levavam em consideração, em absoluta maioria, se a empresa dona da gleba a explorar possuía ou não abundantes recursos a abater do imposto de renda devido, que seriam deslocados para o fundo de investimento regional. Em tal quadro, a base física apresentada era parâmetro de aferição secundário.

É dessa experiência criminosa que deviam falar os ecologistas. A derrubada da mata sem critérios é ato criminoso e que deve ser punido de maneira exemplar. Como pecuarista e desbravador da Amazônia — a verdadeira Amazônia, e não o “pulmão do mundo”, de que falam aqueles que não a conhecem — não concordo com os cantores e artistas de novela que nos crucificam como sádicos e paranóicos exterminadores de árvores e animais indefesos. Somos produtores responsáveis conscientes do nosso papel na produção de riquezas do país.

Carlos Terra é empresário no Rio de Janeiro e fazendeiro em Rondônia